

“É que se não emagreces acabas como o teu pai”: perspectivas sobre o corpo gordo

Ricardo Postal (UFPE)

O corpo humano tem sido submetido a padronizações e controle desde muito tempo, provocando-se uma uniformização facilitadora da confecção de produtos associados ao corpo e do consumo destes a partir de um modelo perfeito. As roupas tem tamanhos estabelecidos, a ergonomia estabelece o padrão para os móveis em que habitamos, seja no trabalho, no trajeto cotidiano ou mesmo em nossas casas e lazer. Estamos sempre submetidos às medidas do corpo estabelecidas por outrem, e devemos, docilmente, nos adaptar ao mundo. Isso vem mudando recentemente a partir da tomada de consciência e do empoderamento do corpo gordo. A partir dessa mudança de perspectiva será realizada uma análise do romance *A gorda* (2016) de Isabela Figueiredo, discutindo-se a percepção de si, pressão estética, modificação corporal, descolonização e novos modelos corporais.

O artigo fará uma análise do romance *A gorda* (2016), da autora moçambicana Isabela Figueiredo procurando compreender as relações entre a insatisfação pessoal a partir da percepção negativa de si, motivada por ser gorda, que a narradora apresenta depois de ter feito uma cirurgia redutora.

No romance a narradora, após a morte do pai, decide fazer uma cirurgia para não ser mais gorda, e recorda suas relações com uma amiga esbelta, com seu namorado (que se afasta dela porque os amigos dizem que ele anda com uma gorda), as reprimendas de sua mãe, etc. Tudo isso visto por uma professora que descreve em capítulos com nomes de cômodos de uma casa, como é habitar o corpo gordo e o novo corpo em que se sente estranha.

Serão mapeados os mecanismos da pressão estética oriunda da sociedade, família, amigos e amantes sobre o corpo que se torna tão inadequado a ponto de ser obrigado a modelar-se de acordo com os ditames uniformes do mundo que rodeia a narradora. Dessa forma, percebe-se que a transformação corporal realizada não produziu a felicidade esperada, e que a personagem não consegue, ao narrar seu passado, perceber momentos em que era realizada, mesmo sendo gorda. É como se o preconceito e os padrões estéticos obliterassem a percepção de si, filtrando tudo pelo olhar contra o ser gordo. A vida da narradora não poderia existir pois sua condição de gorda deveria ser eliminada. A colonização do corpo feminino periférico (tanto escritora quanto narradora-personagem são nascidas em Moçambique, portanto oriundas da colonização portuguesa) será discutida pensando numa perspectiva do feminismo interseccional. Pretende-se pensar se há alternativas para o corpo feminino gordo tão oprimido e como o romance propõe (caso o faça) de novos modalidades, e não mais modelos, corporais.